

Introdução

Não é necessário que haja método, habilidade, ciência ou mesmo talento, para que a pintura aconteça. Ela acontece simplesmente. Como um poema às vezes se constrói à revelia do próprio poeta, a criação pode surpreender seu próprio responsável. Mas é preciso que se use algum método para que um texto acadêmico seja entendido por uma comunidade também acadêmica ou simplesmente por leitores em geral. Com a intenção de situar o leitor no acompanhamento da leitura desta Dissertação de Mestrado, apresentamos aqui a motivação principal que lhe deu origem e alguns dos aspectos abordados a respeito do assunto escolhido.

A admiração pela expressividade plástica, força pictórica e lucidez histórica demonstradas por dois artistas alemães da contemporaneidade, cuja obra conheci na Alemanha e que venho acompanhando em minha experiência enquanto pintora, levou-me a elegê-los como objeto de estudo nesse Mestrado. São eles: Georg Baselitz e Anselm Kiefer.

O pertencimento à mesma tradição histórica e filosófica, a herança estética partilhada assim como a trágica lembrança de um passado recente experimentado, não por eles e sim por uma geração anterior, mas intensamente revivido em suas memórias, vai fornecer o arcabouço humano que termina por aproximá-los, entrelaçando seus processos criativos. A tarefa que me impus foi a de desenvolver, após intensa pesquisa bibliográfica, um panorama ampliado de suas vidas e obras tentando situar não apenas as raízes estéticas citadas como as influências diretamente recebidas no convívio artístico à distância e em proximidade, com as várias tendências da pintura e da arte em geral, da época em que viveram e vivem.

No momento em que despontaram no cenário da arte europeia, em meados dos anos sessenta e no auge da ressonância de suas obras, nos anos oitenta, Baselitz e Kiefer assumiam uma postura radical no meio cultural. O forte impacto político de suas obras reafirmava o papel transformador do artista na sociedade. Neste período, posterior à emergência dos ditos novos selvagens alemães, a afirmação da pintura no meio artístico europeu estava em pleno vigor

resultando em um resgate da tradição pictórica alemã. Suas características nítidas de reaproximação com o romantismo, tendência dominante na filosofia e na arte do século XIX, interagem criticamente com as pesquisas estéticas das vanguardas artísticas do modernismo. Essa semelhança com aspectos comuns ao romantismo nos leva a refletir sobre a importância do mesmo na contemporaneidade. Nos moldes românticos onde “*a dinâmica do processo vital, da história e da natureza apenas pode ser concebida se pensada a partir do Eu*”¹, esses artistas mergulham no passado pessoal e histórico re-processando, (por meio da imersão e presentificação do passado) os acontecimentos traumáticos daquela história recente.

Este movimento impulsiona suas pesquisas que percorrem caminhos paralelos nos quais são vários os pontos em comum: a recusa à imparcialidade da ‘*arte pela arte*’, característica da pintura moderna, bem como a reação à supremacia da pintura abstrata; a elegibilidade do “motivo” enquanto elemento propulsor da criação artística; a herança e inspiração românticas da história da arte alemã (a melancolia) representadas na obra de alguns precedentes como Caspar David Friedrich; a adesão à proposta dos novos selvagens, acrescida do engajamento racional e crítico; o diálogo com a nova pintura americana, etc. Após o tratamento de cada um destes itens ou pontos comuns a ambos, onde a questão do repúdio à recente história alemã se sobrepõe, passamos ao tratamento de cada um dos pintores separadamente.

O primeiro a ser focado é Georg Baselitz, merecedor do capítulo intitulado: *Baselitz e a desarmonia- uma nova figuração agressiva*. Aqui descrevemos a violência de seus motivos, os caminhos escolhidos no desenvolvimento de uma pintura crítica e a revolta lançada como um grito contra uma sociedade dormente e amorfa, incapaz de ver o seu presente e muito menos o seu recente e negro passado. Temas que inundam os vários quadros produzidos, considerados revoltantes por seus contemporâneos e compatriotas (como o da criança, com ar malvado e imbecilizado, segurando seu sexo enorme) a criança simbolizando a sociedade, são exemplos destas escolhas.

Acompanhamos o desenvolvimento de sua vida artística, enfatizando alguns momentos e analisando alguns dos seus quadros, quase todos informados por um discurso visual crítico e político, não obstante o lirismo que se esconde atrás de alguns, como Asas. Comentamos as influências recebidas e o

comportamento da recepção burguesa alemã diante da violência que transborda de suas obras.

A seguir passamos a privilegiar o segundo representante desse par em capítulo intitulado: *Anselm Kiefer - Labirintos Históricos*. Iniciamos o capítulo com dados biográficos que situam muito bem o espaço e tempo em que nasceu, anunciando a conexão entre os eventos ocorridos (a primeira e a segunda guerra mundial) e os rumos tomados por sua poética. Também ele, como Baselitz, está inserido num meio social empenhado em esquecer o passado traumático recente, em que as representações da pintura transpiravam esse sentimento. Além disso, o retorno socialmente programado a uma Alemanha pré-existente, onde mitos e lendas cumpriam papel importante na produção artística, foi um caminho questionado por Kiefer. Ele não adota esse comportamento enquanto artista, ao contrário, elege uma prática violentamente provocadora que o conduziria à transgressão de um interdito coletivo.

‘Ocupações’ é o título da primeira série produzida na qual utiliza a performance, colocando-se a si próprio como símbolo daquilo que abomina, tal como a figura do ditador (Hitler) fazendo a saudação nazista. Nero é outra metáfora escolhida para representar o mal, mas ele fica sempre com o nazismo em sua mente. A partir dos anos 80, passa a expandir sua temática crítica e agride a sociedade capitalista como um todo, em imagens de um mundo completamente devastado pela sociedade de mercado. Subjacentes, permanecem as críticas ao Nazismo e à história alemã recente.

É digno de nota que, um de seus quadros, ‘Ikarus’, guarde uma semelhança marcante com o ‘Asas’ de Baselitz. Ambos se referenciam aos mitos da cultura alemã de um passado lendário. No quadro O canto de Wohlund a afirmação do feio e o total desprendimento de qualquer disposição estética comprovam a necessidade de realizar uma catarse por meio da arte.

A partir do exame das obras e do conhecimento das estórias de vida, além dos dados históricos citados, podemos, por fim, dizer que conseguimos identificar os pontos em comum que aproximam esses dois expoentes da pintura alemã. Tentamos ainda, nas considerações finais, observar a continuidade da atuação desses artistas na atualidade, reconhecendo suas especificidades e diferenças, conscientes do fato de que a pesquisa aqui realizada, como a própria obra destes artistas, é também um ‘*work in progress*’.